

## DE REPENTE, NAS PROFUNDEZAS DA ALMA

*Edmundo Antonio PEGGION<sup>1</sup>*

Uma aldeia, um mundo no qual os animais desapareceram e a referência a eles é apenas imaginária. Sim, de fato os habitantes do lugar procuram mostrar aos seus filhos que os animais nunca existiram na aldeia, mas talvez isso não convença a todos. Talvez em algum lugar, talvez em um outro tempo...

Uma fábula surpreendente. Uma narrativa que envereda pela exposição tocante das relações humanas com os animais. Uma fábula definida, de modo geral, como um texto que coloca o sentido nas metáforas da história que foi contada. Amós Oz, em seu mais recente livro, *De repente, nas profundezas do bosque*, parece recorrer à fábula como recurso para contar sua história. No entanto, constitui uma narrativa da mais extrema sensibilidade e sofisticação conseguindo, na síntese de seus propósitos, apresentar um texto profundo, que ultrapassa o sentido e até mesmo as metáforas mais imediatas.

Amós Oz fala das relações como referência central. A relação entre humanos e animais, entre humanos de um modo geral, entre adultos e crianças tendo como mote a relação com animais ausentes da narrativa. Sobretudo fala das relações assimétricas, de incompreensões e desprezo. Fala da difícil aprendizagem que é conviver com a diferença e, acima de tudo, da angústia dos desvios.

No livro *De repente, nas profundezas do bosque*, para aquele que resolve pensar diferente sobre padecer de uma doença animal, que, novamente não permite mais o diálogo. Pelo menos não com humanos. Somente a loucura e a desrazão, o lado não-humano que aflora num mundo em que justamente impera a ausência animal. Há o desprezo por esse que se desvia, tido como louco, motivo de ironia e chacota. Há também um ser mítico - Nehi, temido por todos, que ronda o vilarejo durante as noites. Durante o dia ele vive no bosque, local proibido e perigoso para todos os aldeões.

---

<sup>1</sup> UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas – Departamento de Antropologia, Política e Filosofia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 – [peggion@fclar.unesp.br](mailto:peggion@fclar.unesp.br)

A professora até que tenta mostrar como eram os animais, suas formas e sons. Os alunos debocham de suas apresentações, que tratam como invencionices produzidas por uma cabeça solitária, já que a professora não havia encontrado ninguém que quisesse casar-se com ela. Exceto em alguns poucos estudantes – principalmente Mati e Maia – há uma opinião comum acerca da vida cotidiana da aldeia e de algum acontecimento no passado que justificaria a situação atual. No entanto, esse passado, embora presente na memória dos mais velhos, é sistematicamente apresentado de modo oblíquo, confundindo as crianças, desconfiadas e interessadas e também, por consequência, o leitor.

A difícil convivência com o outro, as relações com a alteridade são o foco das metáforas desenvolvidas na narrativa de Oz. E ele o faz de modo primoroso trazendo para o primeiro plano as exceções, pois são nelas que as relações não se conformam. Não se conformam literalmente no sentido da palavra: não aderem ao comum, colocam em dúvida a regularidade, o fato consumado, não se moldam à forma. É dessa inconseqüência que pode surgir uma outra possibilidade para a vida e para as relações (como uma e a mesma coisa). Não é à toa que somente os personagens que se desviam é que possuem nomes e personalidades no correr do texto.

É inevitável fazer referência às reflexões de Amós Oz acerca das relações entre judeus e palestinos. Um dos fundadores do movimento pacifista Paz Agora, Amós Oz tem uma opinião muito particular acerca dos conflitos árabe-israelenses. Nesse caso, operando com a potência de sua narrativa, defende a criação de um estado para os palestinos preservando o estado de Israel. Aqui também se vê a presença da dificuldade das relações, pois não julga possível um casamento entre as partes, mas um divórcio no qual o casal separado dividiria a mesma casa. Leva, assim, o pensamento para longe das soluções simplistas e coloca a metáfora das relações políticas locais para um plano profundamente existencial. A sociabilidade é constitutiva da condição humana, os conflitos e as exceções são as referências para que possamos refletir e nos indignar com o fluxo do comum, daquilo que segue pela inércia se reproduzindo de modo contínuo.

Pensar diferente, agir diferente nas pequenas coisas. Quanto não se sabe acerca do outro, quanto se reproduz de discursos e práticas continuamente sem o julgamento necessário? Sempre foi assim? Por que é assim? Quando mudou? Por quê? É possível mudar?

Filho único de uma família pobre, mas com intensa vida cultural, Amós Oz tornou-se fabulador desde criança, quando era levado pelos pais aos cafés para o encontro com os amigos destes. Para se comportar recebia a promessa de ganhar sorvetes no final e assim o fazia. Para passar o tempo inventava histórias sobre os frequentadores desconhecidos que se sentavam nas mesas do café. Um casal em

discussão, uma mulher solitária. Fabulação criada a partir do plano do real que levaram o pequeno Amós a conceber a possibilidade de imaginar-se na pele do outro.

A relação com os animais no livro *De repente, nas profundezas do bosque* foge à simples metáfora. É, de fato, parte constitutiva da condição das relações entre humanos. Tal fato nos remete a um outro escritor contemporâneo de muita sensibilidade. Trata-se de J. M. Coetzee (2002), que, em seu livro *A vida dos animais*, reflete sobre a forma e o conteúdo de nossas relações de um modo geral, mas tendo como foco a relação dos humanos com os animais. O ponto de partida é um convite para algumas conferências em uma universidade nas quais Elizabeth Costello (alter ego de Coetzee) se pronuncia sobre temas como a filosofia e os animais e a poesia e os animais. Muito além de um libelo contra o sofrimento dos animais, a autora/o autor nos coloca questões fundamentais que são base para nossas relações – as relações consideradas propriamente humanas. Do mesmo modo, o tema que move os personagens da narrativa de Amós Oz é a imagem de um tempo no qual havia algum tipo de relação com os animais. E Oz fala das relações humanas através de uma relação ausente – aquela sobre a qual não há certeza se algum dia existiu – aquela com os não humanos.

Do mesmo modo, em um de seus livros anteriores, *Não diga Noite* (1997), Amós Oz trata das relações no âmbito justamente da ausência. Em *Não diga Noite* está além do campo do narrador o conhecimento pleno dos diálogos. O texto é constituído pelo fluxo de pensamento dos personagens – um casal – que trata cada um para si do que disse ao (e pensou do) outro. Assim cada capítulo reproduz o pensamento de um dos personagens apresentando os acontecimentos vivenciados por ambos. No limite parece não haver diálogo tal é a incompreensão que perpassa a narrativa. Talvez seja essa a potência da escrita de Amós Oz. Conseguir dizer, sem nos dizer de modo direto, da dificuldade cada vez maior de se constituir relações, de se estabelecer vínculos, diálogos. Da impotência diante do mundo humano.

Em *De repente, nas profundezas do bosque* há algumas pessoas que podem indicar algumas possibilidades, mas sempre de modo incerto – o velho Almon, Danir, o consertador de telhados brincalhão e a professora Emanuela. Ela, que tanto tentava ensinar seus alunos sobre como eram os animais, tinha também a sua tristeza. Tais personagens, sempre marcados por um deslocamento que é, ao mesmo tempo, uma angústia e uma salvação. Mesmo os animais... “porque entre os animais também imperava o medo que vocês conhecem muito bem, o medo de não ser como todos, ficar quando todos se vão, ou ir quando todos ficam.” E essa ambigüidade parece oscilar entre a perspectiva do mundo que vê e aliena o outro que se desvia e esse outro que, no fundo de sua perdição abre um novo horizonte para a vida.

Amós Oz faz uma defesa incondicional das relações em todas as instâncias, nem que para isso sua fábula tenha que renunciar a uma relação motriz não somente dos humanos: o consumo da carne, substituída por uma planta denominada carnemônia. Assim, no texto nenhum animal abateu o outro em toda a extensão das matas, nenhum animal teve medo de seus predadores. De qualquer modo, disso não esqueceram completamente...

Com o tempo, todos poderíamos aprender, como ocorreu com Mati e Maia, a pronunciar palavras e frases em pardalês, em gatês ou em bovinês. Novamente aqui se vê que uma das condições de possibilidade para estabelecer relações ancora-se no diálogo.

Para um mundo intolerante, uma fábula. Para todas as certezas, uma dúvida. Para uma única perspectiva, um desvio. Desse modo o autor abre um campo de (in) sensatez nesse turbilhão condicional de fluxo contínuo. Mais do que isso. Talvez a leitura de Amós Oz seja como subir à superfície depois de um tempo quase insustentável mergulhado em águas turvas.

Percebe-se na escrita de Amós Oz um certo cansaço ou uma desesperança (que não é a mesma coisa que a descrença). Amanhã, diz Mati no texto. Amanhã, quem sabe as coisas não mudam para melhor? É preciso agir, é preciso fazer alguma coisa. Amanhã. Hoje não, hoje é preciso descansar de todo esse peso, de toda essa decepção que nos carrega para as profundezas de nós mesmos, que torna esse nosso desespero em tristeza e essa nossa tristeza, quem sabe?, em novas esperanças. Só assim conseguiremos, no fundo de nosso dilema, entrar nas profundezas do bosque. Mas que não se enganem os presumidos, pois lá onde supostamente as consciências adernam e onde há os perigos do desconhecido é local justamente da existência do possível.

OZ, A. **De repente, nas profundezas do bosque.** Tradução de Tova Sender. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

## REFERÊNCIAS

COETZEE, M. **A vida dos animais.** Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

OZ, A. **Não diga noite.** Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.